

4^a - 8hs

DANIELA BORDINHÃO SANTOS

PROGRAMA CARA E COROA
A REPORTAGEM INVESTIGATIVA E A SUA RELAÇÃO COM AS FONTES

Monografia de Graduação

Projeto exp.

Santa Maria, RS - BRASIL

1994

DANIELA BORDINHÃO SANTOS

PROGRAMA CARA E COROA

A REPORTAGEM INVESTIGATIVA E SUA RELAÇÃO COM AS FONTES

Monografia apresentada à
Faculdade de Comunicação
Social - Habilitação
Jornalismo - da Universidade
Federal de Santa Maria (RS),
como requisito para a obtenção
do grau de Bacharel em
Comunicação Social.

Santa Maria, RS - BRASIL

1994

A COMISSÃO EXAMINADORA, ABAIXO ASSINADA, APROVA A MONOGRAFIA
PROGRAMA CARA E COROA

A REPORTAGEM INVESTIGATIVA E A SUA RELAÇÃO COM AS FONTES

elaborada por

DANIELA BORDINHÃO SANTOS

como requisito para a obtenção do grau de

BACHAREL EM COMUNICAÇÃO SOCIAL

(Área de Jornalismo)

COMISSÃO EXAMINADORA:

Rogério Koff (Orientador)

Paulo Roberto Araújo

Gaspar Miotto

Santa Maria, dezembro de 1994

ALCANTARA

PROGRAMA PAPA E FORÇA

A SEMANA DA LINGUAGEM E A LINGUAGEM NA SEMANA

Os veículos de comunicação

caracterizam-se por serem

os veículos de comunicação caracterizam-se por serem reportagens, análises e críticas. A prioridade para os veículos de comunicação é a informação, não estimula a produção de trabalhos

"O literato do futuro é o homem que vê, que sente, que sabe porque aprendeu a saber, cuja fantasia é um desdobramento moral da verdade, misto da impossibilidade e sensibilidade, eco de alegria, da ironia, da curiosidade, da dor do público - o repórter".

João do Rio

Os veículos de comunicação caracterizam-se por serem reportagens, análises e críticas. A prioridade para os veículos de comunicação é a informação, não estimula a produção de trabalhos

Os veículos de comunicação caracterizam-se por serem reportagens, análises e críticas. A prioridade para os veículos de comunicação é a informação, não estimula a produção de trabalhos

Os veículos de comunicação caracterizam-se por serem reportagens, análises e críticas. A prioridade para os veículos de comunicação é a informação, não estimula a produção de trabalhos

Os veículos de comunicação caracterizam-se por serem reportagens, análises e críticas. A prioridade para os veículos de comunicação é a informação, não estimula a produção de trabalhos

Os veículos de comunicação caracterizam-se por serem reportagens, análises e críticas. A prioridade para os veículos de comunicação é a informação, não estimula a produção de trabalhos

RESUMO

PROGRAMA CARA E COROA

A REPORTAGEM INVESTIGATIVA E A SUA RELAÇÃO COM AS FONTES

Autor: Daniela Bordinhão Santos

Orientador: Rogério Koff

Os veículos de comunicação carecem de produzir reportagens mais analíticas e críticas. A prioridade das fontes oficiais sobre as não-oficiais, não estimula a produção de reportagens investigativas. Nestas, todas as possíveis versões devem ser checadas, para que o público possa ter maior credibilidade da informação. O presente trabalho teve como objetivo produzir um programa de reportagem investigativa na Rádio Universidade. Realizou-se um estudo teórico sobre as questões das fontes e sua relação com este tipo de reportagem, para posteriormente analisar o programa "Cara e Coroa". Investigou-se como vivem e como são tratados os presos do Presídio Regional de Santa Maria e os menores do Instituto de Recepção Iracema Cássia do Canto (FEBEM). A investigação deteve-se nos depoimentos dos apenados e menores, como também de funcionários, diretores e pessoas ligadas aos órgãos que trabalham em prol da segurança pública.

SUMÁRIO

RESUMO	iii
INTRODUÇÃO	1
1 - REPORTAGEM E REPORTAGEM INVESTIGATIVA	5
1.1 - A reportagem e a notícia	5
1.2 - O início da reportagem	7
1.3 - A reportagem e os seus interesses	8
1.4 - A reportagem investigativa e a investigação no rádio .	10
2 - A CREDIBILIDADE ATRAVÉS DAS FONTES	16
2.1 - A fonte e a imprensa do poder	16
2.2 - Fontes oficiais versus fontes não-oficiais	18
2.3 - Tudo vale na reportagem investigativa. Os diferentes lados	21
2.4 - Direito e Informação	25
3 - PROGRAMA CARA E COROA	30
3.1 - A Rádio Universidade e a proposta do programa "Cara e Coroa"	30
3.2 - A elaboração e estrutura do programa "Cara e Coroa" .	31
3.3 - As fontes escolhidas. Por quê?	37
3.3.1 - Fontes oficiais	38
3.3.2 - Fontes não-oficiais	40
3.4 - As fontes e a burocracia	43
3.5 - "Cara e Coroa", um programa com reportagem investigativa	43
CONCLUSÃO	46
ANEXOS	48
BIBLIOGRAFIA	62

INTRODUÇÃO

Narciso Kalili, no prefácio do livro Rota 66, de Caco Barcellos, salienta que

"a busca da verdade não impede que Caco exercite sua sensibilidade: os relatos que faz têm força, são substantivos. Para ele estar de um lado não significa distorcer a realidade, mas aprofundar discordâncias, radicalizar diferenças... Histórias que ele conta neste livro que nunca parou de escrever e que vai continuar escrevendo durante toda a vida. Com a mesma diligência, a mesma dedicação, a mesma humildade, o mesmo respeito pelas pessoas e por suas histórias... Por isso Caco Barcellos é um jornalista que está do lado da maioria". <1>

Kalili elogia o compromisso que Barcellos demonstrou ter com a verdade e com as diferentes fontes de informação.

Ao realizar uma reportagem, precisa-se identificar a fonte adequada para evitar a manipulação de pessoas interessadas em veicular determinada notícia. É conveniente conferir as informações com outras fontes, verificando as diversas opiniões.

Conforme Cremilda Medina, o autoritarismo institucional e as ditaduras no Brasil reforçaram o uso das vozes oficiais, como de Presidente da República, presidentes de instituições e

empresários nos Meios de Comunicação de Massa. Criou-se o monólogo, a palavra vista pelo ângulo mais fechado e autoritário. Por isso a interpenetração informativa, com a pluralidade de opiniões e a escolha de fontes de informação menos elitizadas, são os aspectos básicos para um diálogo possível nos Meios de Comunicação de Massa.

Devido à carência de reportagens mais críticas e analíticas nos veículos de comunicação, é que o presente trabalho foi realizado. Teve como objetivo produzir um programa de reportagem investigativa na Rádio Universidade, comparando este com textos ou depoimentos dos autores que fazem referências a este tipo de reportagem, como também estudar a questão das fontes oficiais e não oficiais através de referenciais teóricos e analisar as fontes utilizadas para produzir o programa modelo de reportagem investigativa.

O programa CARA E COROA foi elaborado a partir do levantamento de como são produzidos os programas de reportagens na Rádio Universidade e que tipos de fontes de informação são priorizadas.

Os temas escolhidos para a elaboração de CARA E COROA foram as condições de vida e os serviços prestados no Presídio Regional de Santa Maria e no Instituto de Recepção Iracema Cássia do Canto

(FEBEM). Comparou-se a situação do presídio e da FEBEM de Santa Maria com presídios e casas de detenção de outras cidades, como Porto Alegre, através dos depoimentos dos diretores das instituições, do presidente da Comissão dos Direitos Humanos, dos presos, dos menores infratores e dos assistentes.

Para dar continuidade ao trabalho, foi feito o estudo teórico com base nesta experiência e através de referências bibliográficas.

O primeiro capítulo, refere-se às diferenças entre notícia e reportagem, os interesses sociais e econômicos que estão por trás e qual a importância, inclusive no rádio, de uma reportagem investigativa.

No segundo capítulo, analisa-se a credibilidade da reportagem através das fontes, que colaboram para a veracidade dos fatos. Colocou-se as principais diferenças entre a fonte oficial e não-oficial e a importância de verificar sempre as duas versões de um acontecimento.

No terceiro capítulo, apresenta-se o programa "Cara e Coroa", salientando a proposta de produzir um programa de reportagem investigativa, com a valorização das fontes não-oficiais. Foi abordado também a elaboração, a estrutura e o

porquê de "Cara e Coroa" ser um programa com características investigativas.

Finalmente, apresentam-se algumas conclusões e apontamentos formulados a partir dessa experiência.

NOTAS:

- (1) KALILI, Narciso. in: Barcellos, Caco. Rota 66. A história da polícia que mata. p.8

1 - REPORTAGEM E REPORTAGEM INVESTIGATIVA

1.1 - A reportagem e a notícia

A reportagem é o gênero mais rico e que exige uma elaboração mais minuciosa e conscienciosa da informação. A reportagem não cuida da cobertura de um fato ou de uma série de fatos, mas do levantamento de um assunto, que pode ser urgente ou não, sem um prazo para ser concluído. Para Emílio Prado, da "toda a reportagem é em definitivo uma agrupação de representações fragmentadas da realidade que em conjunto dão uma idéia global de um tema." (1)

Prado classifica a reportagem no rádio como Simultânea e Diferida. A primeira é realizada ao vivo e a sua elaboração é feita durante a ação reportada. O repórter precisa ter um conhecimento profundo do tema, passando para o ouvinte a sensação de participar do fato. O contato do jornalista no momento exato dos fatos, facilita o seu acesso às fontes, permitindo que elas expressem todas as informações. A reportagem diferida permite a montagem e a seleção dos fatos. O jornalista selecionará a

narração dos acontecimentos de forma que transmita ao público, em poucos minutos, a idéia de uma ação desenvolvida em frações de tempo. Pode incluir o som ambiente que favorece a credibilidade e a compreensibilidade da informação. Nestas reportagens pode-se ter o espaço destinado às opiniões de especialistas, o contraste entre os afetados pelos fatos e os ausentes do acontecimento. Também a criatividade do repórter pode ser melhor explorada, tornando a reportagem mais flexível.

Diferente da reportagem, a notícia tem como característica a concisão. As notícias são indicações de fatos programados, continuação de eventos já ocorridos e dos quais se espera desdobramento. No rádio elas devem demonstrar brevidade com o relato de fatos do momento, confirmando as características de instantaneidade e simultaneidade do rádio.

Prado classifica as notícias como ESTRITA, com ENTREVISTAS e CITAÇÕES COM VOZ. Chama-se de ESTRITA, os serviços relatados de hora em hora, possuem uma introdução breve e simples na sua formulação. Na abertura ficam os fatos mais atrativos ou mais importantes da informação. Os dados devem ser repetidos através do desenrolar da notícia para produzir uma redundância. Na entrada deve-se procurar respostas ao QUE, QUEM e COMO. A estrutura das CITAÇÕES COM VOZ é parecida com a notícia estrita. Alguns dados são expressados pela voz do protagonista dos fatos

ou pela fonte. Pode ser também chamado de Boletim de Passagem. Nas notícias com ENTREVISTAS depois do LEAD segue-se uma entrevista que pode cumprir duas funções: fornecer os dados do fato ou dar a resposta ao porquê.

1.2- O início da reportagem

Paulo Barreto, conhecido como João do Rio, foi o mestre da crônica e da reportagem. Ele era o repórter da rua, que observava diretamente os fatos e construía sobre o momento a história dos fatos presentes. João do Rio relatava em suas reportagens histórias de homens poderosos, mas também dos mais humildes. Cremilda Medina salienta que

"Aos literatos jamais lhe passaria pela cabeça ir à cadeia ver de perto o criminoso e conversar com ele. Foi essa experiência nova que João do Rio trouxe para a crônica, a de repórter, do homem que, freqüentando salões, varejava também as baiúcas e as tavernas, os antros do crime e do vício. Subia o morro de Santo Antônio pela madrugada com um bando de seresteiros e ia aos presídios entrevistar sentenciados." <2>

João do Rio escrevia reportagens sobre a vida da alta burguesia, como também sobre pessoas, lugares e acontecimentos vistos pela sociedade como degradantes e imorais. A coleta de informações por meio de entrevistas às fontes, foi a grande conquista técnica que lançou no Jornal Brasileiro. Ele introduziu o conceito de captação de informações por meio da entrevista. Na

maioria de suas reportagens, as fontes são personagens anônimos, ou tipos sociais, sem perfeita individualização. O aumento das informações imediatas (notícias) fixam-se no rumo da humanização, que individualiza um fato social por meio de um perfil representativo, na ampliação do fato imediato no seu contexto e na reconstituição histórica. João do Rio não se satisfaz com a notícia imediata, pesquisa mais e vale-se da enquete para ampliar as possibilidades informativas.

Ele foi o repórter preocupado com os problemas sociais da sua época, que procurou retratar principalmente a classe baixa do Rio de Janeiro através de suas reportagens.

1.3 - A reportagem e os seus interesses

O que está por trás das palavras de um Presidente da República ou de um operário? Que interesses a empresa de Comunicação tem, ao veicular ou não as atitudes e opiniões de um presidente ou de um operário?

O sistema remodela e suprime as informações de acordo com a predisposição de seus guardiões. O pluralismo de idéias permite uma reflexão mais aprofundada dos temas. Ralph D. Barney, citado na coletânea de Deni Elliott, escreve que

"as pessoas não podem se beneficiar do pluralismo se elas permanecerem isoladas das mensagens alternativas. Os indivíduos tendem mais reforçar as mensagens do que procurar o conflito. Eles "armam" as questões nas suas mentes, dispensando a necessidade de uma investigação mais aprofundada." <3>

O controle das informações através da escolha limitada das fontes sugere que haja o pluralismo de opiniões, para formar a democratização nos Meios de Comunicação de Massa. A democracia participativa depende das informações alternativas divulgadas.

Os jornalistas que primam pela democratização nos M.C.M precisam enfrentar aqueles que controlam as mensagens mediante a centralização do poder e aqueles que ameaçam estratificar e segmentar as informações. Estas forças servem para reduzir o número de vozes e limitar as idéias diversificadas que o leitor ou o espectador-ouvinte poderá encontrar. O comunicador não pode ficar satisfeito com as respostas ou opiniões das fontes, precisa verificar se existem interesses por trás das declarações. O jornalista não pode ser ingênuo e sim comportar-se com um ceticismo sadio. O jornalismo pluralista consolida-se quanto maior for o número de publicações e vozes públicas existentes, quanto mais fontes de informações em termos de veículos houver.

1.4 - Reportagem investigativa e a investigação no rádio

No gênero reportagem, as investigativas são as mais fascinantes. O repórter tem a oportunidade de procurar descobrir e contar fatos que se está querendo esconder da opinião pública. Neste tipo de reportagem, é importante ouvir os dois lados, partindo do pressuposto de que, freqüentemente, há dois lados opostos na mesma história. É preciso ter olhos, curiosidade e observação para tudo. Segundo Clóvis Rossi,

"é realmente inviável exigir dos jornalistas que deixem em casa todos esses condicionamentos e se comportem, diante da notícia, como profissionais assépticos, ou como a objetiva de uma máquina fotográfica, registrando o que acontece sem imprimir, ao fazer o seu relato, as emoções e as impressões puramente pessoais que o fato neles provocou." (4)

Isto vale especialmente nas reportagens investigativas que exigem do repórter um envolvimento jornalístico bem maior.

Como jornalistas investigativos destacam-se os nomes de Gilberto Dimenstein e Caco Barcellos, autores dos respectivos livros-reportagens "Meninas da noite" e "Rota 66".

Na opinião de Dimenstein, o livro-reportagem aperfeiçoa a linguagem jornalística, vítima da pressa das salas de redações. O repórter também dispõe de mais tempo para conversar com as fontes, aproveitando certo distanciamento dos fatos, o que

proporciona mais frieza e clareza na evolução das descobertas.

"Meninas da noite", surgiu com o objetivo de descobrir e documentar os cativeiros existentes em vários pontos da Região Norte, Nordeste e Centro-Oeste, englobando a Amazônia Legal. Um trabalho investigativo sobre o tráfico e o aprisionamento de meninas forçadas a prostituição.

Depois de sete meses de investigação, o autor dispõe de fatos, fitas, documentos da polícia, de entidades assistenciais, (inúmeras) entrevistas com testemunhas e vítimas do tráfico e escravidão. Durante este período, o autor não se limita apenas às declarações ou dados estatísticos, mas procura no olhar a expressão reveladora capaz de extrair verdades, que as palavras dos entrevistados não revelam.

O livro-investigativo "A guerra dos meninos", também de Gilberto Dimenstein, procura revelar os grupos de extermínio que têm vinculações diretas ou indiretas com a polícia, garantindo cobertura e impunidade. As testemunhas têm medo de falar, a "queima de arquivo", ou seja, o ato de eliminar quem fizer inconfiências, é comum nestes ambientes.

Como o livro "Meninas da noite", a produção de "A guerra dos meninos", realizada através de viagens por várias cidades

brasileiras, fez o autor aprender uma lição. Dimenstein percebeu como estava distante da realidade brasileira, acostumado aos gabinetes refrigerados de Brasília e às intrigas da Corte. Sabedor das lições sobre a engenharia da venalidade, os mecanismos e formas que levam os homens a se venderem pelo poder, a arte do suborno agora é inútil para vasculhar a rota do tráfico de meninas. Diante de "Lurdes", uma das principais líderes de prostitutas do país, Gilberto Dimenstein sente-se como um iniciante, procurando absorver cada palavra da testemunha. Dimenstein relata que "os códigos são muito distantes da prostituída mas elegante Brasília, uma cidade que também tem códigos impenetráveis aos iniciantes. Sinto-me como se estivesse diante de um computador sem conhecer as ordens de comando para se chegar a um determinado programa".<5>

O distanciamento desta realidade triste e degradante faz muitos jornalistas criarem viseiras diante de suas cabeças. Muitos, forçados pela setorização das empresas jornalísticas, dedicam-se a coberturas localizadas, passando seus dias de trabalho nos prédios da Câmara dos Deputados, do Senado ou do Palácio do Planalto. São jornalistas expostos e dependentes dos humores e interesses de assessores, que fazem a triagem de quem merece ou não receber as informações.

O livro "Rota 66" , de Caco Barcelos, também foi resultado

de um rigoroso processo de investigação jornalística. Durante as investigações, o autor precisou munir-se de dados verídicos e incontestáveis para poder declarar e denunciar os inocentes assassinados, os policiais matadores, o sistema e a justiça, que na maioria das vezes, é a principal incentivadora destes crimes.

Primeiramente, seu objetivo era denunciar a ação dos matadores oficiais contra os civis envolvidos em crimes na cidade. O balanço final do seu trabalho, em junho de 1992, que abrange o período de vinte e dois anos de ação dos matadores, mostrou que a maior parte dos civis mortos pela Polícia Militar em São Paulo é constituída pelo cidadão comum que nunca praticou um crime. Com base nas investigações, pôde narrar e descrever detalhadamente os casos descobertos.

Fiscalizar os poderes públicos é também uma das principais funções do jornalismo investigativo. O exemplo mais típico de denúncia do poder público é o escândalo de Watergate. Dois repórteres do "Washington Post", Bob Woodward e Carl Bernstein, levaram com suas matérias o presidente Richard Nixon à renúncia. Segundo Ricardo Kotscho,

"Carl Bernstein era um repórter de "geral" do Post e, a partir de algumas denúncias que o jornal recebeu, começou a checar as informações com várias fontes, até ligar o caso do arrombamento no escritório do Partido Democrata instalado no edifício Watergate a importantes figuras da

Casa Branca chegando, finalmente, ao presidente."<6>

Quando se trata de matérias polêmicas, o ideal é que o repórter participe de todo o processo, da pauta à edição final, checando minuciosamente os fatos e convencendo os donos dos veículos a publicá-los.

No rádio, a reportagem também é bastante utilizada. A mobilidade do rádio permite que o fato seja transmitido no momento de sua ocorrência, primando pela sua característica de instantaneidade.

Segundo o Manual de Radiojornalismo da Jovem Pan, a emissora procura em suas matérias-denúncias cumprir o objetivo de fazer a sociedade protestar contra um fato social. Da observação do repórter surge a suspeita de fraude ou irregularidade. A investigação é cuidadosa e quando a situação se confirma a campanha começa.

Na área policial, merece destaque a reportagem investigativa da Jovem Pan referente ao caso de extorsão envolvendo os policiais do Grupo Anti-sequestro. Maria Elisa Porchat mostra que

"o departamento de jornalismo da Jovem Pan fez um amplo levantamento a partir das informações divulgadas pela

polícia sobre os autores do seqüestro. Este levantamento acabou por mudar toda a história da investigação e colocar na cadeia os policiais que até então vinham sendo apontados como verdadeiros heróis, com entrevistas diárias no rádio, na televisão, nas revistas e na imprensa em geral ".<7>

Como rádio, a Jovem Pan tem consciência de sua força e poder, com capacidade de atingir, mobilizar e politizar todas as faixas de público. Desta forma, a emissora procura sempre discutir a linha que cada matéria deve seguir. Questiona a possível consequência de uma matéria no ar, o alarme que esta pode provocar na população ou mesmo quem seria favorecido ou prejudicado com a reportagem.

NOTAS:

- (1) PRADO, Emílio. A estrutura da informação radiofônica. p.85.
- (2) MEDINA, Cremilda. Notícia, um produto à venda. Jornalismo na sociedade urbana e industrial. p.58.
- (3) RALPH D. Barney in: Elliott, Deni. Jornalismo versus privacidade. p.78
- (4) ROSSI, Clóvis. O que é jornalismo. p.10
- (5) DIMENSTEIN, Gilberto. Meninas da noite. p. 17.
- (6) KOTSCHO, Ricardo. A prática da reportagem. p.35 e 36
- (7) PORCHAT, Maria Elisa. Manual de radiojornalismo. Jovem Pan. p.34

2 - A CREDIBILIDADE ATRAVÉS DAS FONTES

2.1 - A fonte e a imprensa do poder

O repórter que trabalha no meio político está sujeito a ter desinformação, ou seja, informações que enalteçam ou que prejudiquem a vida pública e política.

Nem sempre os jornalistas estão dispostos a verificar com exatidão como funciona a máquina do poder, favorecendo e fortalecendo ainda mais os interesses da classe política.

Existe entre a classe a tentativa de "apagar" revelações ou críticas, colocando em dúvida o que o repórter produziu e publicou. Diferente do regime militar, em que a coesão aos Meios de Comunicação de Massa vinham pela censura clara e direta, o regime democrático mantém um relacionamento entre imprensa e poder com mecanismos mais sutis, para controlar o ímpeto investigativo.

O jornalista que opta pelo jornalismo independente, encontrará atritos com o poder das fontes. No cenário político a manipulação das fontes é uma constante. Gilberto Dimenstein mostra que "o folclore político é recheado de histórias e lendas enaltecendo, no fundo, a capacidade de ludibriar e, portanto, de manipular a informação".<12>

É comum os repórteres receberem informações falsas, destinadas a gerar efeitos favoráveis ou negativos a pessoas ou grupos.

Existe também a declaração em "off", utilizada para facilitar o entendimento do assunto pelo repórter. A fonte pede que o repórter não publique o assunto, partilhando um segredo. O jornalista obtém os dados que o ajudam no esclarecimento dos fatos.

As fontes capazes de dar orientações aos repórteres são cultivadas a fim de manter confiança. Alguém que passa informações e quer evitar constrangimentos e punições, supõe que o jornalista manterá o segredo.

Para que a reportagem tenha maior credibilidade os repórteres procuram sempre que possível apresentar os nomes dos

responsáveis pela informação, e transferem para quem deu a informação a eventual responsabilidade de erro. Por isso, em reportagens políticas, o "off" é um mecanismo bastante utilizado, que também serve para atribuir a informação a uma fonte não identificada. Sem aparecer a identificação, a fonte pode fornecer uma notícia ou dica ao repórter, evitando punição ou qualquer constrangimento.

Quando a fonte e a imprensa são cúmplices do poder, fica difícil para o leitor, ouvinte ou espectador acreditar na informação, recebendo muitas vezes uma informação falsa ou deturpada.

2.2 - Fontes oficiais versus fontes não oficiais

No rádio, como em qualquer veículo de comunicação, é comum, por exemplo, uma greve de trabalhadores ser comentada e analisada essencialmente pelos empresários e políticos alinhados com o governo, e as opiniões de sindicalistas, principais afetados, serem reduzidas a segundos.

O autoritarismo institucional negou à sociedade a pluralidade de pontos de vista, através do grande sistema da indústria cultural, da censura e auto-censura implícita nos Meios de Comunicação de Massa dependentes do sistema econômico ou

político. A seleção das fontes de informação terá de se enriquecer através da pluralidade e da valorização humanizadora dos entrevistados. O repórter deve reconhecer que não é o detentor da informação e precisa ir em busca daquela fonte que efetivamente tem o que dizer, estando atento aos interesses do público. Muitas vezes a fonte pode ter como intenção fazer do repórter o "menino de recados" daquilo que ela quer que o ouvinte ou leitor saiba. Cabe ao profissional distinguir que informação as pessoas precisam saber.

Vozes não anônimas, mas discordantes, também podem ser discriminadas. De acordo com Cremilda Medina, "o autoritarismo se vale de mais uma intermediação além do comunicador, a do relações públicas e/ou do press-release. As vozes discordantes, as proeminentes, não as colhidas no anonimato das comunidades, são também marginalizadas. Diminui drasticamente o acervo de fontes de informação da caderneta de endereços dos jornalistas". <1>

Em 1986, quando foi anunciado o pacote de Reforma Monetária, somente a TV Gazeta, em São Paulo, deu espaço às vozes discordantes. A economista Maria da Conceição Tavares ficou impedida por muito tempo de dar depoimentos para os meios de comunicação, e voltou no ano da Reforma como uma fonte oficial, pois era defensora do pacote. O importante neste contexto é que a economista não está mais do lado dos que discordam e sim dos que

estão a favor do jogo político e econômico.

em... Mas quem são as fontes oficiais e as não-oficiais?

Clóvis Rossi, considera que

"toda pessoa, em tese, pode ser uma fonte de informação: o contínuo de uma repartição pública ou o Ministro de Estado, chefe da mesma repartição; o secretário-geral de um partido político ou um simples militante de base da mesma agremiação; o presidente de um clube de futebol ou o roupeiro e assim por diante". <2>

A diferença, segundo Rossi, é que o Ministro e o presidente do clube são informantes mais autorizados do que o militante e o roupeiro.

É fundamental checar e conferir as informações. O relações públicas e o assessor de imprensa são os que abastecem os repórteres com os press-releases. Através desses releases, a empresa ou repartição pública diz tudo o que gostaria e muito pouco daquilo que o repórter ou o público gostaria de saber, principalmente quando se trata de assuntos considerados mais críticos e polêmicos. Nos anos da ditadura, os jornalistas passavam para o papel bobagens ditas pelos poderosos. Atualmente, muitos repórteres continuam agindo como se ainda houvesse a possibilidade de punição pelo ATO INSTITUCIONAL nº 5,

o mais violento instrumento de arbítrio no Brasil dos últimos vinte anos. A realidade é que o jornalista necessita do apoio da empresa para a qual trabalha e que não tem desejo ou condições de opor-se aos grandes interesses econômicos e políticos.

Como mostra Rossi, "quando isso ocorre, sacrifica-se o elo mais fraco, o jornalista, e com ele a verdade. Quando acontece o contrário, ganham menos a empresa e o jornalista e mais o público, afinal o destinatário da informação".<3>

Está muito longe uma comunicação democrática com canais e intermediadores à disposição da demanda social. A entrevista jornalística é uma técnica de obtenção de informações, atribuída muitas vezes às fontes representadas por presidentes de instituições, empresários, ministros ou Presidente da República, primando pela unilateralidade da informação.

A busca de um diálogo democrático, através da descoberta e renovação das fontes de informação, acontecerá quando houver a pluralidade de vozes e uma qualificação humanizadora das entrevistas descobertas.

2.3- Tudo vale na reportagem investigativa. Os diferentes lados

A exatidão da notícia é exigida com rigor e seriedade, em

todos os setores do jornalismo. A checagem dos fatos através de fontes qualificadas é imprescindível para que haja credibilidade. Segundo Maria Elisa Porchat, o jornalista precisa discernir uma idéia preconcebida da realidade encarada e analisar os fatos de acordo com os efeitos que eles provocam, de forma isolada.

É preciso também identificar a fonte adequada para evitar a manipulação de pessoas interessadas em veicular determinado acontecimento. Não se pode perder o senso crítico em relação às fontes. Muitas vezes, a possibilidade de encontrar a verdade dos fatos só será obtida ouvindo a comunidade.

Em matérias investigativas prima-se pelos diferentes lados dos acontecimentos, através de depoimentos de fontes consideradas oficiais e não-oficiais.

Caco Barcellos, para relatar as histórias do livro "Rota 66", armou-se de informações e dados incontestáveis que o ajudaram a desvendar a trama do esquadrão da morte oficial montado em São Paulo. Para isso, Barcellos tinha como principais informantes os amigos e parentes das vítimas. O autor dispunha dos depoimentos de pessoas que possuíam o maior interesse em lutar pela justiça. Também fez observações e entrevistas no pátio do IML, pesquisou os processos e documentos nos cartórios da Justiça Militar e os arquivos do jornal Notícias Populares. A

pesquisa nos cartórios mostrou que o procedimento burocrático oficial na apuração dos crimes dos Policiais Militares é precário e tendencioso.

Para retratar o tráfico e a escravidão de meninas prostituídas nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, Dimenstein em "Meninas da noite", procurou todo o tipo de depoimentos e dados que poderiam contribuir com a sua investigação. Dimenstein relata a importância de dois entrevistados para suas investigações, com vivências muito diferentes, demonstrando que

"estava satisfeito com a dupla de orientadores: um padre apaixonado por crianças carentes, formado em filosofia e especialista em almas, e uma prostituta especialista em corpos. Os dois unidos em salvar almas e corpos. Por causa deles, decidi limitar minha investigação à Amazônia Legal, por compor o cenário de confluência das regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste, área praticamente virgem de investigação sobre a criança em particular sobre o tráfico e a escravidão".<4>

Não foram suficientes para a pesquisa, as histórias contadas por Lurdes, uma das principais líderes de prostitutas do país, pela psicóloga Ana Vasconcelos que cuida da Casa de Passagem no Recife e pelo padre Bruno Secci, que com o financiamento da UNICEF coordenou vinte e dois pesquisadores que coletavam dados sobre a criança na Amazônia Legal. O autor tentou entrar em contato com o inacreditável e viu desmoronarem as

suspeitas sobre a veracidade das palavras ditas por Lurdes, Ana e pelo padre Bruno. Dimenstein relata com sensibilidade a experiência de vida das meninas escravas e prostituídas, como o caso de Miriam dos Santos, que na busca de um emprego digno acabou encontrando a prostituição:

"Miriam não estava entendendo nada. Há três dias viajava pelo rio em busca de um emprego prometido pela irmã. Mas no porto foi recebida por um dono de boate chamado Bucho de Bode. Enquanto percorria pela primeira vez a passarela de madeira que separa o porto da Boate, um homem parou-a, pegou-a pelo braço e disse: " Quero ver se você é boa de cama". <5>

Durante as suas viagens, o autor recolheu testemunhos de meninas para os quais a rua não é apenas a única solução. Para elas, é um ambiente mais familiar e, por incrível que pareça, mais aconchegante que suas casas.

Através deste tipo de reportagem, pode-se obter vários pontos de vista, com possibilidades de desenvolver em nossa sociedade o pluralismo. Ralph D.Barney, citado na coletânea de Deni Elliott, argumenta que "os jornalistas devem empenhar-se em proporcionar um amplo espectro das informações e perspectivas que são necessárias em uma democracia participativa".<6>

2.4 - Direito e informação

O povo tem o direito de estar bem informado. A maioria dos veículos de comunicação divulgam informações que vendem ou atraem uma audiência visando o lucro comercial. Aqueles que restringem a distribuição de informações tendem a reduzir a confusão social e facilitar o processo decisório para os líderes.

De acordo com Ralph D. Barney

"um amplo direito de saber deveria ser uma preocupação fundamental para o jornalista empenhado na preservação de uma sociedade pluralista e participativa... O direito de saber do povo somente terá importância no mundo em que vivemos, se o conceito de pluralismo estiver implícito na estrutura que lhe assegura a existência".<7>

Estabelecendo o direito de saber e o pluralismo, que assegura a distribuição de mensagens múltiplas, decisões mais inteligentes e autônomas podem ser tomadas pelos indivíduos.

As informações adequadas proporcionam uma maior consciência das alternativas disponíveis no momento da decisão.

O código de ética do jornalista, aprovada pelo Congresso Nacional dos jornalistas Profissionais, também faz referência ao direito e informação e à responsabilidade profissional de cada

um. O acesso à informação pública, que é um direito inerente à condição de vida em sociedade, o compromisso fundamental do jornalista com a verdade dos fatos através de uma precisa apuração dos acontecimentos, sua correta divulgação e a luta pela liberdade de pensamento e expressão são algumas das regras estabelecidas pelo Código.

Os jornalistas podem exigir acesso à informação alegando que o público tem o direito de saber. Para Cremilda Medina, a entrevista jornalística, que é a principal técnica para conseguir uma informação, possui quatro níveis:

"primeiro pesa o suporte delimitado pelo estágio histórico da técnica comunicacional. Segundo, o nível de interação social almejado pelo entrevistador. Terceiro, suas possibilidades de criação e de ruptura com as rotinas empobrecedoras das empresas ou instituições comunicacionais. Quarto, um propósito que ultrapassa os limites da técnica imediatista, ou seja, a tentativa de desvendamento do real, uma atitude de profunda especulação acerca da pauta".<8>

A decifração do real é possível através do acesso às informações públicas. Porém, o repórter deve procurar decifrar a rede de forças que atua sobre o fato jornalístico e encontrar a verdade de muitas faces. A atuação do jornalismo é sempre relativa, nunca totalmente objetiva.

Conforme Medina, "trata-se da arte de tecer o presente e

não a garantia científica de atingir a verdade absoluta".<9> O jornalista que investiga o fato, precisa procurar decifrar o real, apurando e conferindo os dados antes de os editar.

Os veículos de comunicação, e em especial o rádio, são poderosos instrumentos de manipulação política que tanto podem servir à mudança como à manutenção de um Estado, das relações sociais, da própria liberdade individual e ou coletiva. Hitler e Getúlio Vargas valeram-se do rádio para transmitir ao povo as suas idéias, tentando através delas dominar a sociedade.

Gisela Ortriwano refere-se ao argumento de Sérgio Caparelli que diz:

"o arsenal de controle do Estado vai da concessão de licença para a exploração a título precário à censura econômica. Os governos, em muitos países, se transformaram em clientes número um das emissoras comerciais, porque é através delas que veiculam a propaganda política, buscando obter um consenso e legitimidade, não só através da força mas também da manipulação da opinião".<10>

A dominação não vem somente do Estado ou dos grupos empresariais; as grandes potências mundiais também exercem seu poder.

O relatório de uma Comissão da UNESCO (órgão das nações unidas), presidida por Sean Macbride, que teve grande repercussão

em meados dos anos 70, critica o sistema de controle de informação implantado no Ocidente ao longo dos últimos 150 anos e de seu uso como instrumento consciente de dominação a partir da Segunda Guerra Mundial.

O processo de informação tecnológico e cultural nos Estados Unidos e em alguns países desenvolvidos controla a rede de circulação mundial de dados. Assim, os países subdesenvolvidos não só perdem sua capacidade de produzir conhecimento técnico e preservar um percurso cultural próprio, como ficam impedidos de escolher entre as possibilidades existentes para a solução de seus problemas, aquelas que mais lhe convém.

Nilson Lage argumenta que "estaria aí o núcleo de um sistema que retira das comunidades e dos povos o direito ao autoconhecimento e 'seleção da informação cultural e técnica, que consome o direito à informação em suma". <11>

NOTAS:

- (1) MEDINA, Cremilda. Entrevista. *O diálogo possível*. p.14.
- (2) ROSSI, Clóvis. *O que é jornalismo*. p.52.
- (3) Idem, p.58.
- (4) DIMENSTEIN, Gilberto. *Meninas da noite*. p.19
- (5) Idem, p.55.
- (6) ELLIOTT, Deni. *Jornalismo versus privacidade*. p.9.

- (7) Idem. p.68.
- (8) MEDINA, Cremilda. Entrevista. O diálogo possível. p.27
- (9) Idem. p.33
- (10) CAPARELLI, Sergio in: ORTWRIANO, Gisela Swetlana. A informação no rádio. Os grupos de poder e a determinação dos conteúdos. p.60.
- (11) LAGE, Nilson. Estrutura da notícia. p.50.
- (12) DIMENSTEIN, Gilberto. A aventura da reportagem. p.33

3 - PROGRAMA CARA E COROA

3.1- A Rádio Universidade e a Proposta do Programa Cara e Coroa

A Radio Universidade da UFSM, entre suas várias funções, serve como um veículo de aprendizagem para os alunos do curso de Comunicação Social. A Rádio oportuniza a realização de disciplinas e projetos experimentais.

Valendo-se desta oportunidade e observando que tanto a Radio Universidade como outros veículos de comunicação carecem de produzir programas mais investigativos e críticos, em que se valorize as fontes não-oficiais, foi proposta a implantação de um programa-modelo de reportagem investigativa na Rádio Universidade.

O programa-modelo de reportagem investigativa "Cara e Coroa", procurou retratar, através de vários depoimentos, a situação atual do Presídio Regional de Santa Maria e da FEBEM. "Cara e Coroa" foi ao ar no dia 12 de novembro às duas horas da tarde pela Rádio Universidade.

A apresentação do programa foi ao vivo e teve a duração de uma hora e quinze minutos.

Os ouvintes anseiam por informações, nas quais se possa observar e analisar os diferentes "lados" dos acontecimentos. Uma informação que resgate e valorize as mais diversas fontes, dando exemplo de que é possível democratizar a comunicação.

3.2 - A Elaboração e a Estrutura do Programa "Cara e Coroa"

2 A maioria do povo brasileiro vive em uma situação social e econômica extremamente injusta, sem os princípios básicos de uma vida digna. A grande parte dos apenados e menores infratores são provenientes da classe baixa.

A falta de recursos econômicos e o descaso da sociedade com o sistema penitenciário e com as casas de detenção, transformam estes lugares em escolas do crime. Muitos presídios e casas para menores não possuem condições de reabilitar o preso e o menor à sociedade, de fornecer trabalho e estudo a estes indivíduos. Estas instituições encontram-se superlotadas com condições precárias e subumanas de sobrevivência, que contribuem para o crescimento de rebeliões e fugas.

A partir destas constatações, procurou-se elaborar o programa "Cara e Coroa" , baseado nos depoimentos dos diretores do Presídio Regional de Santa Maria e do Instituto de Recepção Iracema Cássia do Canto (FEBEM), dos agentes penitenciários, assistentes sociais, presos, menores infratores e pessoas que prestam serviço de apoio aos apenados e detentos.

As entrevistas foram realizadas com a intenção de esclarecer dúvidas sobre o tratamento dos funcionários com os presos e menores, como são as condições de higiene, saúde e alimentação e como são resolvidos os problemas de fugas e que filosofia de trabalho é aplicada para reabilitar o preso e o menor a conviver em sociedade. Estas questões foram comparadas com a situação das demais casas penitenciárias e de detenção do estado.

Para que estas informações ficassem esclarecidas e o ouvinte pudesse ter um panorama real destas instituições, dividiu-se o programa em seis blocos denominados de EDITORIAL, COMO FUNCIONA, COMO DEVERIA SER, A REALIDADE, ATRÁS DAS GRADES E O QUE ESTÁ SENDO FEITO.

No editorial foram abordadas as condições precárias e as superlotações causadoras de fugas e rebeliões, que colocam em

risco a segurança pública. Alertou-se para que a sociedade tome consciência de que é necessário um tratamento de recuperação a favor destes indivíduos, com a criação de comissões de apoio aos presos e menores infratores, valorizando-os através do trabalho. No bloco "Como funciona", os diretores do presídio e da casa de detenção, mostraram como funcionam estas casas, quantas pessoas estão presas e detidas, o porquê das superlotações, que tipo de tratamento recebem e qual a filosofia de trabalho utilizada para reabilitar estes indivíduos. A falta de recursos humanos e financeiros para uma melhor estruturação, também foi salientado. No espaço "Como deveria ser", foi apresentado o depoimento de Marcos Rolim, Presidente da Comissão dos Direitos Humanos na Assembléia Legislativa. Segundo ele, não é a criação de novos presídios que diminuirá a criminalidade dentro e fora das casas de detenção. É preciso esvaziar os atuais presídios diminuindo a sua lotação, atribuindo como medida emergencial assessoria jurídica aos presos.

No caso da FEBEM, segundo o depoimento da assistente social Ana Maria Prates da Silveira, a diminuição do problema está no investimento de profissionais qualificados, como psicólogos, sociólogos e pedagogos, que venham a dar uma orientação mais adequada para os menores. Seria importante que estas instituições recebessem do Estado a liberação de recursos financeiros.

A questão das superlotações e rebeliões foi abordada no bloco " A Realidade ". Marcos Rolim, como Presidente da Comissão dos Direitos Humanos da Assembléia Legislativa, contou como foram os momentos de tensão vividos por ele, pelos reféns e funcionários, no maior motim ocorrido no Presídio Central de Porto Alegre em julho deste ano. O motim envolveu vinte e quatro reféns, ^D destes quinze eram mulheres. A todo instante estava presente a possibilidade de uma chacina, que envolveria não apenas o massacre dos presos como também dos reféns. A rebelião se alastrou pela cidade e colocou em risco a segurança pública.

Como o Presídio Central de Porto Alegre, os Presídios Estaduais de Charqueadas e Vale do Jacuí e o Presídio Regional de Santa Maria sofrem com as superlotações. O diretor do Presídio de Santa Maria salientou que mesmo sem espaço é preciso acomodar os apenados. Os ²⁹⁵duzentos e noventa e cinco presos ficam instalados em um espaço destinado para cento e trinta pessoas.

O agente penitenciário Daniel Santos Shimitt colocou que a meta de trabalho na penitenciária da capital é totalmente diferente. Com o alto índice de periculosidade dos presos e a superlotação, fica difícil trabalhar com a proposta de reintegrá-lo à sociedade.

Ainda neste bloco o sociólogo da FEBEM, Janari Pinto Nunes, enfatiza a importância de construir uma casa de contenção máxima, que disponha de mais segurança e capacidade para abrigar um número maior de meninos, contribuindo para a realização de um trabalho mais adequado.

"Atrás das Grades", foi o espaço mais importante do programa. As vozes não-oficiais representadas principalmente pelos presos e menores, tiveram a oportunidade de relatar as suas experiências dentro e fora dos presídios e casas de detenção. Para cada um dos entrevistados perguntou-se sobre as circunstâncias que o levaram a cometer os crimes, como são tratados e como é o relacionamento com os funcionários e com os companheiros. Tentou-se conferir, através dos relatos, se a filosofia de reabilitação do preso e do menor infrator é realmente trabalhada nestas instituições.

Escolheu-se cinco presos e cinco menores para serem entrevistados. "Cara e Coroa" salientou os depoimentos de uma mulher, de um portador do vírus HIV e do Alemão (sujeito envolvido no caso da menina da bicicleta, ocorrido no último mês de setembro em Santa Maria).

Nas declarações dos menores ~~4~~ não houve edição e por segurança foram identificados através de letras.

Exposta a situação do Presídio Regional de Santa Maria e da FEBEM, foi necessário saber "O que está sendo feito" para ajudar na recuperação dos detentos.

Vó Diná, integrante do Conselho Penitenciário em Santa Maria e Rodrigo Vieira, acadêmico de Direito e participante do projeto de Assessoria Jurídica aos apenados, relataram como trabalham para ajudar o preso. Vó Diná, através do Conselho Penitenciário, dá apoio material aos apenados e seus familiares. Rodrigo Vieira, como integrante do projeto fornece assessoria jurídica aos presos, uma vez que estes já foram condenados definitivamente. O acadêmico pode estudar o processo do apenado e verificar quais os benefícios que o réu tem direito. Se tiver, elabora-se uma petição ao juiz requerendo a concessão deste benefício, para dar o devido acompanhamento do caso.

Sobre
Referente à edição de "Cara e Coroa", tentou-se o menos possível suprimir as informações dos entrevistados. As vozes não-oficiais tiveram um amplo espaço para relatarem as suas experiências, como os relatos dos menores que foram ao ar na sua integridade.

As trilhas musicais das vinhetas foram escolhidas de acordo

com o tema do programa. Na abertura e encerramento, "Que país é este" do grupo Legião Urbana e para as chamadas dos blocos a trilha musical "Polícia", dos Titãs.

Para ter uma melhor visão do programa, é convincente verificar o seu script anexo neste trabalho. (ver anexo)

3.3 - As Fontes Escolhidas. Por quê?

"Cara e Coroa", considerado um programa de reportagem investigativa, procurou ouvir e analisar as mais diversas fontes, buscando comparações e depoimentos que contribuíssem para dar maior veracidade na reportagem.

Clóvis Rossi comenta que qualquer pessoa pode ser uma fonte de informação. Tanto o ministro como o roupeiro podem ter o que declarar. A diferença é que, no geral, o ministro ou o presidente são fontes mais autorizadas para falar do que o contínuo, o militante e o roupeiro.

Valendo-se do compromisso de mostrar ao ouvinte as várias versões do fato, e o que acontece dentro do sistema penitenciário e de uma Instituição para recuperação de menores, é que pesou-se cada informação passada pelas fontes. Foi necessário confrontá-las com outras, oriundas de outros informantes,

avaliá-la em função de seus próprios conhecimentos ou informações anteriores sobre o tema, para compor o quadro apresentado no programa "Cara e Coroa".

Neste trabalho foram consideradas fontes oficiais aquelas que responderam pelo Presídio Regional de Santa Maria, pelo Instituto de Recepção Iracema Cássia do Canto e por órgãos e projetos ligados à questão da segurança pública, como, por exemplo, a Comissão dos Direitos Humanos da Assembléia Legislativa e o projeto de Assessoria Jurídica aos apenados do Presídio Regional de Santa Maria da UFSM. As fontes não-oficiais foram representadas por funcionários das Instituições, presos, menores e pessoas que dão assistência moral aos apenados.

4.3.1 - Fontes Oficiais

São classificadas como fontes oficiais, o diretor Canrobert Fournier da Silveira, do Presídio Regional de Santa Maria, o diretor Jaime Mayer Pereira, do Instituto de Recepção Iracema Cássia do Canto, o Presidente da Comissão dos Direitos Humanos da Assembléia Legislativa, Marcos Rolim e o acadêmico de Direito e integrante do projeto de Assessoria Jurídica aos apenados, Rodrigo Vieira.

Canrobert Fournier da Silveira - Diretor do Presídio de

Santa Maria, foi a autoridade que permitiu a realização de entrevistas dentro da penitenciária. Esclareceu como funciona e qual é a estrutura da casa penitenciária. De acordo com Silveira, o presídio é de segurança média, e se destina ao recolhimento de presos que não têm alto risco de fuga e não tem uma periculosidade muito acentuada.

Jaime Mayer Pereira - Diretor do Instituto de Recepção Iracema Cássia do Canto (FEBEM), contou como atualmente se encontra a casa. Conforme Pereira, há vinte internos, mas quatro internos estão recolhidos no Presídio. Os menores foram recolhidos por assassinarem um taxista e devido à falta de segurança do prédio.

Marcos Rolim - É considerado fonte oficial por ocupar o cargo de Presidente da Comissão dos Direitos Humanos da Assembléia Legislativa e conhecer de perto, a situação caótica e desumana em que se encontra o sistema penitenciário no Brasil e principalmente no Rio Grande do Sul.

Rolim afirmou que não é com medida de violência que irá diminuir a criminalidade. Para ele também não é a construção de novos presídios que irá resolver o problema da superlotação. É necessário uma assessoria jurídica competente e eficaz para os presidiários e o empenho de juizes e magistrados para diminuir ao

máximo a lotação. Segundo ele, a preocupação básica da Comissão dos Direitos Humanos era salvar a vida dos reféns, e o único caminho era negociar com os presos as exigências que faziam de liberdade.

Marcos Rolim relatou a experiência de presenciar o maior motim ocorrido no Presídio Central de Porto Alegre. Segundo ele, a preocupação básica da Comissão dos Direitos Humanos era salvar a vida dos reféns, e o único caminho era negociar com os presos as exigências que faziam de liberdade.

Rodrigo Vieira - Acadêmico do oitavo semestre de Direito e integrante do projeto de Assessoria Jurídica aos apenados do Presídio Regional de Santa Maria, falou representando os participantes do projeto.

Para Rodrigo é preciso situar a questão carcerária dentro do contexto da realidade brasileira, que atualmente apresenta-se com um quadro social e econômico extremamente perverso e injusto. A maioria da população brasileira encontra-se desassistida de justiça, educação, saúde e alimentação. O projeto tem o objetivo de enfrentar estas situações dentro da área jurídica do Direito, garantindo assistência aos apenados que fazem parte da maioria que não tem seus direitos de justiça assegurados.

4.3.2 - Fontes Não-Oficiais

São os que trabalham nas instituições e não respondem por

elas, como é o caso dos agentes penitenciários e assistentes da FEBEM e os ligados ao sistema carcerário por questões jurídicas, como presos e menores infratores.

Agentes Penitenciários

Daniel Santos Shimitt e Silvana Wallal Vezoze - Relataram suas experiências como agentes penitenciários. O relacionamento que mantêm com os presos e o preconceito que enfrentam por parte da sociedade, ao saber que trabalham em um presídio.

Técnicos e assistentes da FEBEM

Ana Maria Prates (assistente social) e Janari Pinto Nunes (sociólogo) - Responsáveis pela assistência aos menores e as suas famílias, quando estes chegam na Instituição. Segundo eles, se houvesse um interesse maior por parte do Estado com o fornecimento de recursos financeiros e o apoio da sociedade, a reabilitação dos menores seria mais eficaz.

Apenados

Alemão - O caso da menina assassinada por causa de uma bicicleta, provocou polêmica e reflexão sobre a segurança pública. O assassino da adolescente, conhecido como Alemão, relatou o crime e como está sendo a sua experiência dentro do presídio.

3.4. **Portador do vírus HIV** - A situação nos presídios torna-se mais difícil para aqueles que possuem problemas graves de saúde. A penitenciária não dispõe de condições para dar um atendimento adequado aos presos enfermos.

Mulher - O presídio de Santa Maria abriga oito mulheres. Uma delas foi entrevistada, contou que há respeito entre os colegas e funcionários. Ela ocupa seu tempo trabalhando na Fábrica de isopor, instalada dentro do presídio.

Menores - Para os menores foram feitas perguntas referentes ao motivo que os levaram a ser recolhidos na FEBEM, que tipo de trabalho e estudo realizam, como é o relacionamento com os funcionários e demais adolescentes.

Cada um deles relatou as suas experiências e as suas perspectivas futuras.

Vó Diná - Pessoa da comunidade que se dispõe a ajudar o preso e as suas famílias, através do Conselho Penitenciário de Santa Maria criado este ano.

3.4 - As fontes e a burocracia

Cultivar as fontes de informação é exercício indispensável ao jornalista. Quanto maior for o número de fontes ouvidas mais segurança haverá na informação, que será transmitida ao ouvinte de forma completa e sob diferentes pontos de vista.

Com esta intenção é que procurou-se ouvir as mais diversas fontes, desde o diretor até o preso e o menor infrator.

Para entrevistar os meninos da FEBEM, precisou-se enfrentar a burocracia da justiça. O diretor e os funcionários não podiam autorizar a realização das entrevistas. Foi preciso conseguir a permissão da juíza de menores, Miriam Tondo Fernandes, após ter sido enviado um ofício, esclarecendo o motivo e o porquê de se obter a declaração dos menores.

No documento de autorização, a juíza salientou que as entrevistas poderiam ser realizadas desde que os adolescentes concordassem em prestar depoimentos e não fossem identificados. (ver anexo 2).

3.5 - Cara e Coroa - Um Programa com Reportagem Investigativa

Baseado no conceito de Maria Elisa Porchat, classifica-se

"Cara e Coroa como um programa de reportagem investigativa.

Porchat argumenta que

* *"toda a reportagem é investigativa. Mas chamamos de investigativas as mais analíticas que consomem mais tempo do que as de rotina. Partem sempre de uma hipótese que leva a uma checagem que comprove ou negue a hipótese. Nas reportagens investigativas, o repórter precisa saber voltar atrás ou até desistir quando a verdade surge diferente do que se supunha. <1>*

Hipótese?

A superlotação e as precárias condições dos presídios e casas de detenção para menores do Estado, são os principais fatores que estimulam as rebeliões e fugas, colocando em risco a segurança pública. O motim do Presídio Central de Porto Alegre, em julho deste ano, é um exemplo do descaso da sociedade com o sistema penitenciário. A partir dessas constatações é que se sentiu a necessidade de verificar como está a situação no Presídio Regional de Santa Maria e no Instituto de Recepção Iracema Cássia do Canto.

A investigação não surgiu de uma denúncia e sim da hipótese de encontrar o Presídio Regional de Santa Maria e a FEBEM em condições iguais ou piores daquelas encontradas nos presídios de Charqueadas, Vale do Jacuí, no Central de Porto Alegre, como também nas casas de detenção para menores.

Procurou-se observar como são tratados os detentos, que

obtenção dos dados, a obtenção desta e a publicação
investigativa, a obtenção dos dados, a obtenção de
verdade e a obtenção dos dados, a obtenção dos dados
expressão dos dados, a obtenção dos dados

CONCLUSÃO

Conquistar corações e mentes, provocar questionamentos e
soluções são metas inerentes à função do jornalista. Por isso, a
reportagem investigativa, que exige do repórter um maior
envolvimento é compromisso com o público e as fontes de
informação, serve como caminho para o jornalista expor os vários
posicionamentos e versões de um fato.

Diferente das notícias informativas, que se detêm apenas
nos relatos dos fatos, as investigativas partem em geral de uma
denúncia ou hipótese, que o repórter procura descobrir e contar,
o que se está querendo esconder da opinião pública. É preciso ter
paciência e persistência para dispor de um número incontestável
de dados, que ajudam no esclarecimento do fato.

O cultivo das fontes, principalmente das fontes
não-oficiais, é imprescindível para se obter a veracidade dos
acontecimentos.

As entrevistas, buscando mais um diálogo do que a mera

obtenção dos dados, merece destaque nas reportagens investigativas. O entrevistador colabora no sentido de obter a verdade não somente através de dados estatísticos e sim na expressão dos gestos e atitudes dos entrevistados.

Com a elaboração prática do programa "Cara e Coroa", percebe-se que a hipótese ou a denúncia de um caso pode não se confirmar. A dúvida de que no Presídio Regional de Santa Maria e na FEBEM^M fossem praticados atitudes de violência com os detentos e que pudesse já ter ocorrido algum motim, ficou esclarecida com o programa "Cara e Coroa". Mostrou-se a realidade destas instituições através de depoimentos, que confirmara^M as dificuldades sociais e econômicas que atravessam, porém não chegando ao extremismo de problemas como rebeliões.

Realizar este trabalho teórico e prático, sobre a reportagem investigativa e suas fontes, mostrou que é desta forma que se pode democratizar a informação e manter o público mais crítico em relação às circunstâncias de um fato. É com reportagens dessa natureza que podemos abrir e conquistar corações e mentes, muitas vezes sufocadas pelos interesses de uma minoria.

A EXC 1
BOCE TACANEXOS 8000

Técnica: vinheta de Abertura

Técnica: Vinheta Editorial

Loc 1 - Motim acaba com festa da criança. A superlotação costuma ser um convite às fugas. Situação penitenciária do Rio Grande do Sul discutida em debates malditos.

Estas são as mais recentes manchetes que retratam a situação do sistema penitenciário do Estado. A superlotação e as precárias condições dos presídios são os principais fatores que estimulam as rebeliões e fugas, colocando em risco a segurança pública. O motim do Presídio Central de Porto Alegre, em julho deste ano, é um exemplo do descaso da sociedade com o sistema penitenciário. O presídio é visto como lixeira e os presos como lixo, retratando o nível cultural de nossa sociedade. Atualmente, os presídios funcionam como uma escola do crime, que só devolve para a sociedade o crime e a loucura. A pena é vista como um castigo e não como uma maneira de reintegrar o presidiário na comunidade. Para reverter esse quadro, é preciso mudar o conceito que se tem das casas de detenção. A criação de comissões de apoio aos presos e menores infratores e a valorização do detento através do seu trabalho são formas capazes de reabilitar esses indivíduos à sociedade. O programa "Cara e Coroa" procura abordar a situação do Presídio Regional de Santa Maria e do Instituto de Recepção Iracema Cássia do Canto (FEBEM), valorizando as

diferentes questões que envolvem o sistema penitenciário e a casa de detenção para menores.

Técnica: Entrevista Canrobert Fournier Silveira

Técnica: Vinheta Como Funciona

Loc 1 - O Instituto de Recepção Iracema Cássia do Canto, denominação da FEBEM em Santa Maria, tem capacidade para recolher

Loc 2 - O Presídio Regional de Santa Maria foi criado em 1982 para abrigar cento e trinta presos. Possui vinte e duas celas e três alojamentos. Atualmente, o presídio mantém duzentos e noventa e cinco presos, sendo que destes oito são mulheres e quatro menores. O Diretor Canrobert Fournier Silveira fala sobre a situação atual do presídio.

Técnica: Entrevista Canrobert Fournier Silveira

"A lei preconiza que o preso ... a gente faz tudo para recuperá-lo para que ele não venha a agredir a sociedade."

Loc 1 - O Instituto de Recepção Iracema Cássia do Canto, denominação da FEBEM em Santa Maria, tem capacidade para recolher vinte e cinco menores, do sexo masculino. O Diretor Jaime Mayer Pereira nos conta como se encontra a FEBEM hoje.

Técnica: Entrevista Jaime Mayer Pereira

"Hoje nós estamos com vinte internos na casa ...

... e precariamente Cachoeira. Vejam aí a necessidade de

uma reestruturação."

Técnica: Vinheta Como deveria ser

Loc: A maioria do povo brasileiro vive numa situação social e econômica extremamente injusta, sem os princípios básicos de uma vida digna com direito à educação, saúde, alimentação e moradia. A grande parte dos apenados e menores infratores são provenientes da classe baixa. Os presídios ou as casas de detenção deveriam primar pela reintegração do indivíduo à sociedade. A recuperação através do trabalho, do estudo e da assistência jurídica. Não é com violência e o descaso da população e dos políticos que se vai diminuir a criminalidade dentro e fora das casas de detenção. Para o Deputado Estadual Marcos Rolim, Presidente da Comissão dos Direitos Humanos da Assembléia Legislativa, não é a construção de novos presídios que irá resolver o problema.

Técnica: Entrevista Marcos Rolim

"Primeiro, não adianta construir novos presídios ...

... Tudo isso viria como decorrência dessa diminuição da população carcerária."

Loc. 1 - O Diretor Canrobert Fournier Silveira concorda que a solução seria investir na reabilitação dos presos e no esvaziamento dos presídios.

Técnica: Entrevista Canrobert Fournier Silveira

"Nossa filosofia de trabalho aqui é toda voltada para reabilitar ...

... Ter um presídio em condições de recuperar o preso."

Loc. 2 - No caso da FEBEM, que abriga menores infratores, a solução está no investimento de profissionais qualificados para este tipo de atendimento, como psicólogos, assistente social e sociólogos.

Técnica: Técnicos FEBEM

"Nós somos da área Técnica ...

... Tinha material mas não tinha gente para trabalhar".

Técnica: vinheta a realidade

Loc 1 - Superlotação, rebeliões, fugas. Esta é infelizmente a realidade de muitos presídios. Sete de Julho de 1994. O Motim no Presídio Central de Porto Alegre provoca pânico. A população não tem mais segurança. Marcos Rolim relata a tensão das pessoas que presenciaram este fato.

Técnica: entrevista Marcos Rolim.

"Eu me surpreendo muito com o baixo número de motins ...

... uma polícia competente teria recapturado todos eles sem disparar um tiro."

Loc 2 - O Presídio Central de Porto Alegre foi construído com a finalidade de abrigar temporariamente presos em flagrante ou com a prisão preventiva decretada pela Justiça. No entanto, está sendo utilizado para o cumprimento de penas longas. Por isso há mais de mil e setecentos presos para seiscentas e sessenta e seis vagas. No presídio Estadual do Jacuí Mil e trinta e um detentos se comprimem num espaço para 520 e no presídio estadual de charqueadas, construído para 130. Há duzentos e trinta e dois presos. No presídio regional de Santa Maria a situação não é diferente. 295 presos dividem o espaço destinado para cento e trinta pessoas. O diretor do presídio nos conta como lida com a superlotação.

Técnica: entrevista Canrobert Fournier Silveira

"Acomodar a gente acomoda por que é obrigado ...

... Não tem muitas cidades. É Mata, Restinga Seca."

Loc. 1 - Os agentes penitenciários são pessoas que convivem diretamente com os detentos. Um trabalho feito sob grande tensão. O agente Daniel Santos Shimitt faz uma comparação do trabalho feito no presídio central e no Presídio Regional de Santa Maria.

Técnica: Entrevista Daniel Santos Shimitt

"Lá é totalmente diferente ...

... Então é bem mais difícil de trabalhar."

Loc. 2 - A Agente Silvana Vezosi relata a sua experiência no Presídio.

Técnica: Entrevista Silvana Vezosi

"Eu sou agente penitenciária, e os outros...

... presos jamais desrepeitam, principalmente uma funcionária feminina."

Loc. 1 - A criminalidade não está somente entre os adultos. Pelo contrário, ela faz parte da vida de muitas crianças adolescentes. Quatro menores foram responsáveis pelo assassinato de um taxista em Santa Maria no dia nove de setembro. Um dos menores envolvidos havia sido recolhido à FEBEM no dia seis de setembro, de onde fugiu no dia seguinte. A Juíza Mirian Tondo Fernandes, em declaração ao jornal A Razão, enfatiza que é necessária e urgente a liberação dos recursos para a continuidade das obras da casa de contenção máxima para os menores infratores, que está sendo construída no distrito industrial de Santa Maria. Os técnicos da

FEBEM explicam como funcionará a nova casa.

Técnica: Entrevista Técnicos FEBEM

"Lá seria uma casa de internação...

...então aí se poderia fazer um trabalho mais adequado."

Técnica: vinheta atrás das grades

Loc. 2 - Até o momento o programa cara e coroa ouviu depoimentos de pessoas que trabalham com os presos e menores infratores. Agora cara e coroa vai mostrar como é a situação por detrás das grades. André Simon, conhecido por alemão, foi preso por homicídio. O Crime abalou Santa Maria. A causa de tudo isso foi a tentativa de roubo de uma bicicleta. Alemão nos conta como está sendo a sua experiência no presídio.

Técnica: Entrevista Alemão

"Como está sentindo a tua relação com as outras pessoas...

...e tu acredita que isso vai acontecer? É só ter vontade."

Loc. 1 - O presídio regional de Santa Maria abriga também mulheres. Uma das apenadas nos fala como é o seu relacionamento com os demais detentos e com os funcionários.

Técnica: Entrevista com mulher

"Faz quanto tempo que você está aqui? Faz um ano e...

... A gente tenta dividir no dia-a-dia os problemas, o que é bom e o que é ruim."

Loc. 2 - A situação é ainda mais difícil para aqueles que possuem problemas de saúde. No Presídio Regional de Santa Maria encontramos um preso portador do Vírus HIV. Ele relata para cara e coroa como é a sua convivência com os demais presos.

Técnica: Entrevista portador vírus HIV

"Você é portador do vírus da AIDS, como é a sua relação...

... Eu queria sair daqui, porque saindo daqui eu tenho certeza que duro mais."

Loc. 1 - Cara e Coroa foi até a FEBEM de Santa Maria para ouvir os menores recolhidos no instituto. Por questão de segurança identificaremos os menores por meio de letras.

Técnica: Entrevista menores FEBEM

"Porque tu veio para aqui na FEBEM?..."

... No que tu gostaria de trabalhar, o que tu gosta de fazer? Mecânica."

Técnica: Entrevista o que está sendo feito

Loc. 2 - Muito se pode fazer pelos presos e menores infratores. Vó Diná não tem vergonha dos seus 81 anos, muitos deles vividos para ajudar os mais humildes. Vó Diná faz parte do Conselho Penitenciário de Santa Maria, que dá apoio aos presos e seus familiares.

Técnica: Entrevista Vó Diná

"Este conselho foi fundado agora há pouco tempo...
... Lá na Vale Machado, lá começamos a batalhar pelos presos, desceu aqui a gente continuou."

Loc. 1 - O oitavo semestre do Curso de Direito da Universidade Federal de Santa Maria também dá assistência jurídica aos apenados do presídio, através do projeto pioneiro de assistência jurídica aos apenados. Do presídio regional de Santa Maria. Rodrigo Vieira é um dos integrantes do projeto e nos conta qual é a função do grupo com os presos.

Técnica: Entrevista Rodrigo Vieira

"Enquanto homens, enquanto cidadãos devem ser tratados...
...Praticamente, em resumo é isso que o grupo de
assistência jurídica aos apenados do presídio local
fizemos."

Loc. 2 - O programa cara e coroa procurou mostrar através desta reportagem como é realmente a situação do presídio e da FEBEM de Santa Maria, fazendo comparações com as demais casas de detenção do Estado. Ouviu não somente as pessoas que trabalham nestas instituições, como também tentou saber através de depoimentos de presos e dos menores o que acontece e como é a experiência de cada um dentro destes lugares. O programa procurou chamar a atenção principalmente para a responsabilidade que a sociedade deveria ter com as instituições penais. A nossa segurança depende das questões jurídicas e da nossa própria vontade de querer e poder fazer algo pelos detentos para que possamos modificar esta situação.

Técnica: Vinheta encerramento

RECEBIMENTO

Na data infra, recebeu estes autos.

Em 19 de 10 de 19 94

O Escrivão: aur

CONCLUSÃO

FAGO estes autos conclusos ao Exmo. Sr. Dr.

Juiz de direito do J.J. Vara

Em de de 19 94

O Escrivão: aur

Tratando-se apenas de entrevista com adolescentes infratores recolhidos ao IRICC/FEBEM, - autorizo a requerente Carmem Staggemeier, e apenas esta, a entrevistar cinco (05) adolescentes infratores-recolhidos sob internamento ao IRICC/FEBEM, desde - que os adolescentes concordem em prestar tal entrevista e que não sejam identificados, sequer por iniciais de nome, endereço, nem nome de pais ou parentes nem fotografia, podendo apenas ser identificados como adolescentes A, B, etc. Intime-se a requerente; officie-se ao IRICC/FEBEM comunicando podendo o officio ser levado em mãos pela requerente Carmem. Intime-se o M.P. A requerente deverá ser também intimada de que tão logo ocorra a publicação da entrevista, uma via da publicação deverá ser trazida pela mesma aos autos, no máximo em 24 horas após a publicação, indo depois os autos com vista ao M.P. para manifestação. Dil.

Em, 19.10.94.-


Miriam A. G. Tondo Fernandes
Juíza de Direito

BIBLIOGRAFIA

- BARCELLOS, Caco. Rota 66. A história da polícia que mata. Rio de Janeiro: Globo, 1992.
- DIMENSTEIN, Gilberto & KOTSCHO, Ricardo. A aventura da reportagem. São Paulo: Ática, 1990.
- _____. Meninas da noite. São Paulo: Ática, 1993.
- ELLIOT, Deni. Jornalismo versus privacidade. Rio de Janeiro: Nórdica, 1986.
- KOTSCHO, Ricardo. A prática da reportagem. São Paulo: Ática, 1989.
- LAGE, Nilson. Estrutura da notícia. São Paulo: Ática, 1985.
- MEDINA, Cremilda. Entrevista, o diálogo possível. São Paulo: Ática, 1990.
- _____. Notícia um produto à venda: Jornalismo na sociedade urbana e industrial. São Paulo: Summus, 1988.
- CAPARELLI, Sérgio in: ORTRIWANO, Gisela Swetlana. A informação no rádio: os grupos de poder e determinação dos conteúdos. São Paulo: Summus, 1985.
- PRADO, Emílio. A estrutura da informação radiofônica. São Paulo: Summus, 1989.
- PORCHAT, Maria Elisa. Manual de Radiojornalismo Jovem Pan. São Paulo: Ática, 1993.
- ROSSI, Clóvis. O que é jornalismo. São Paulo: Brasiliense, 1981.

*Anuário do Poder.
(CAP. 2)*

